

## A Imagem na Educação

Leonardo Calvo Martins Okuyama<sup>1</sup>

### 1. Introdução

Todos os dias nossos olhos são bombardeados por imagens de todos os tipos, formas, tamanhos, cores e significados, e a não ser que fiquemos trancados dentro de nossas casas, sem nenhum equipamento eletrônico como TV, computador, celular, etc., sem jornais, revistas, sem quadros, fotografias, pinturas, enfim, sem qualquer tipo de contato com imagens, é impossível driblar esses estímulos, não se pode fugir, não vê-los, só mesmo uma pessoa cega não está coagida a se submeter a este mundo de imagens, tanto estáticas quanto móveis. Tentemos então, imaginar um mundo sem imagens, sem fotografias, tentemos imaginar a internet, os sites de relacionamento, as “redes sociais virtuais” sem o recurso da imagem, da fotografia, sem outdoors, sem a televisão. Perceberemos mais ainda quão grande é o impacto dos estímulos visuais na atualidade, que estão presente nos extremos da vida cotidiana. Rosane de Andrade se refere especialmente à fotografia em seu estudo de viés antropológico:

Com os desenvolvimentos técnicos que permitiram reproduções mais nítidas, mais rápidas, as imagens fotográficas passaram a fazer parte do nosso cotidiano. Mesmo que nem olhemos para elas, as imagens se confundem com a realidade, banalizando-a; vivemos com elas, sem entendê-las.(ANDRADE, 2002)

Lendo uma etnografia nos deparamos com inúmeras descrições que nos chamam a atenção pelo nível de detalhes utilizados pelo autor, na tentativa de fazer o leitor compreender melhor o que é mostrado, mas mostrar com palavras por vezes pode limitar a descrição, ou até mesmo a pesquisa. Portanto, se o antropólogo pudesse dispor de um meio de apreender o que observa, para depois expor aos espectadores de seus estudos, tal como seus olhos viram, a descrição tomaria outro caráter. A fotografia pode desempenhar esse papel, ela não descarta a descrição textual, mas acrescenta um nível de realidade que as palavras não atingem. A imagem tem o poder de representar um assunto de forma “fiel”, já as palavras, a

---

<sup>1</sup> Graduando de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina.  
E-mail: leocmo@hotmail.com

certo ponto deixam à cargo da imaginação a construção de uma imagem, que por vezes pode ser algo bem distante da realidade. A compreensão se torna mais fácil, em certos casos, quando vemos aquilo que é estudado, em vez de imaginar coisas e aparências “soltas”, que nos são desconhecidas e estranhas, assim, como numa etnografia, as imagens podem contribuir significativamente quando utilizadas em sala de aula, de forma crítica, e não como mera ilustração.

A fotografia está extremamente ligada à antropologia, como forma de representação de aspectos culturais, por parte tanto dos observadores, que o fazem conscientemente, quanto dos observados que muitas vezes também são observadores passivos, ou seja, sem se dar conta disso. Em outras palavras, a fotografia é um instrumento de representação e exposição antropológica dos significados culturais por parte dos estudiosos, mas também pelas pessoas de muitas sociedades “desenvolvidas” que possuem acesso em massa a esse recurso.

Imagens, tais como os textos, são artefatos culturais. (...) Arquivos de imagens e imagens contemporâneas coletadas em pesquisa de campo podem e devem ser utilizados como fontes que conectam os dados à tradição oral e à memória dos grupos estudados. Assim, o uso da imagem acrescenta novas dimensões à interpretação da história cultural, permitindo aprofundar a compreensão do universo simbólico, que se exprime em sistemas de atitudes por meio dos quais grupos sociais se definem, constroem identidades e apreendem mentalidades. (NOVAES, 1996)

A fotografia é um exercício antropológico riquíssimo, de observação, participação e aprendizagem tanto do diferente, do peculiar, do estranho, quanto daquilo que a princípio nos é comum, e no momento seguinte pode perder toda sua antiga significância, como uma bela foto de um rosto marcado pelo tempo, onde se pode transmitir tanto o sofrimento como a alegria, cabendo ao observador fazer a escolha. Nesse sentido as imagens podem criar novas possibilidades na relação ensino-aprendizagem, na medida em que o ensino de sociologia no ensino médio é um constante exercício de estranhamento e desconstrução de verdades aparentes e paradigmas interiorizados.

Diante desta realidade em que todos nós, e principalmente os jovens estão inseridos com mais preponderância, é preocupante a falta de atenção voltada para a questão

do uso das imagens na educação. Nos estágios da licenciatura nos colégios, percebemos a pouca utilização de mídias áudio-visuais nas aulas, e quando são utilizadas geralmente não se leva em conta toda a subjetividade e todos os símbolos e significados que estão impregnados em uma imagem, tornando-a apenas mais uma reprodução do conteúdo e da banalização do mundo visual, porém de forma mais atrativa e sedutora para os jovens.

A Sociologia, em especial, parece ter algumas vantagens na utilização das imagens de forma crítica, apesar de não vermos isso sendo aplicado com frequência e de forma satisfatória na realidade escolar, geralmente as imagens são associadas ao conteúdo trabalhado apenas como meio de ilustração e por ser um recurso que consegue atingir com mais facilidade a atenção do aluno, que geralmente está intimamente conectado ao universo das imagens, fotos e vídeos, que são, portanto, linguagens mais próximas dos jovens.

Mas até que ponto, ou a partir de que ponto a fotografia se torna arte? Ou a fotografia seria uma técnica, científica, empírica, racional, e não uma arte? E quando ela se torna estetizada, fazendo das coisas o que elas talvez não sejam, retratando de forma épica o sofrimento e a dor, tornando belo o que, em geral, não vemos dessa forma? De fato, a imagem pode transmitir mensagens incorretas ou incompletas, a fotografia pode invadir, expropriar e ressignificar. São inúmeros os fatores que podem distorcer o real: a saturação das cores, a ausência delas, os contrastes, as luzes, o foco, o enquadramento, a composição, as lentes utilizadas que podem mudar a perspectiva, a profundidade de campo, e centenas de outros aspectos tanto técnicos quanto subjetivos, que dependem da sensibilidade do autor e do que se pretende passar para o espectador.

A imagem representa, então, uma parcela do real, um dado momento, uma das inúmeras formas possíveis de se retratá-lo. Portanto, “Não é, assim, um acontecimento ou uma coisa que uma imagem fotográfica dá a ver, e sim uma *maneira de vê-los*. É, no sentido filosófico da palavra, uma *visão das coisas*.” (DARBON) Geralmente se vê o mundo com o óculos, ou a lente da ideologia dominante, como a força social nos coage a ver, a fotografia também é instrumento de reprodução destes valores, porém, por vezes vai de encontro com tais visões fabricadas e limitadas das coisas, explicitando, chocando, confundindo e ensinando à luz de outras lentes, outros olhares, mais atentos às diferenças e aos movimentos das coisas e dos seres.

Tratamos, muitas vezes, as imagens como coisas reais, como representações da realidade prática, pois a imagem nos convence, parece nos provar algo. São diversas as interpretações sobre a validade e o significado das imagens, alguns dizem que uma fotografia

é a realidade, outros afirmam que é apenas uma representação dela, uma das várias possibilidades de mostrar a mesma coisa, pois depende do olhar, e este, por sua vez, depende de toda a bagagem subjetiva e objetiva do observador que produz a imagem; ou ainda as imagens podem nem mesmo representar o real, já que são produzidas e essa produção está submetida a todos estes aspectos subjetivos tanto do observador quanto do objeto, do assunto fotografado, além de serem totalmente passíveis de manipulações pré e pós-produção, tanto nas fotografias quanto nos filmes. Mas e quanto às outras linguagens? A linguagem textual está livre de manipulações e interpretações diversas?

A Sociologia Visual ou Sociologia da Imagem ainda é um campo relativamente novo nas Ciências Sociais, ainda encontra muitas dificuldades para tratar tais questões, não existem muitos trabalhos acerca das causas e efeitos das imagens nas relações sociais e menos ainda na Educação. O fato que não se pode negar é que vivemos em um contexto onde é de suma importância estudar e debater acerca deste objeto que se faz tão presente e ocupa um lugar significativo na vida cotidiana dos jovens que estamos “educando” bem como nas nossas próprias vidas, pessoal e profissional.

## 2. A visão do mundo.

As primeiras impressões que temos, e talvez as principais delas de imediato, são as visuais, é o nosso primeiro contato com o mundo que nos cerca, na maioria das vezes, e mesmo quando não é, é possível visualizar e criar descrições imagéticas de quase tudo o que conhecemos. Nossa mente, consciente e subconscientemente está repleta de imagens, sejam elas reais, fruto de experiências visuais concretas pelas quais passamos, ou imagens criadas por nós, que também sofrem influência e são fruto de coisas que já vimos e sentimos de alguma maneira. Quando lemos um texto, ouvimos um som ou uma pessoa falando, nossa mente visualiza as cenas e objetos que já conhecemos, que nos são comuns, e tenta imaginar o que pode não ser tão óbvio, dessa forma, nossa experiência visual está intimamente ligada à outras linguagens, como podemos perceber nitidamente, por exemplo, na música *Aquarela* do compositor Toquinho (1983):

Numa folha qualquer  
Eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas  
É fácil fazer um castelo...

Corro o lápis em torno  
Da mão e me dou uma luva  
E se faço chover  
Com dois riscos  
Tenho um guarda-chuva...

Se um pinguinho de tinta  
Cai num pedacinho  
Azul do papel  
Num instante imagino  
Uma linda gaivota  
A voar no céu...

(...)

Entre as nuvens  
Vem surgindo um lindo  
Avião rosa e grená  
Tudo em volta colorindo  
Com suas luzes a piscar...

Basta imaginar e ele está  
Partindo, sereno e lindo  
Se a gente quiser  
Ele vai pousar...

Numa folha qualquer  
Eu desenho um navio  
De partida  
Com alguns bons amigos  
Bebendo de bem com a vida...

De uma América a outra  
Eu consigo passar num segundo  
Giro um simples compasso  
E num círculo eu faço o mundo...

Um menino caminha  
E caminhando chega no muro  
E ali logo em frente  
A esperar pela gente  
O futuro está...

E o futuro é uma astronave  
Que tentamos pilotar  
Não tem tempo, nem piedade  
Nem tem hora de chegar  
Sem pedir licença  
Muda a nossa vida  
E depois convida  
A rir ou chorar...

Nessa estrada não nos cabe  
Conhecer ou ver o que virá  
O fim dela ninguém sabe  
Bem ao certo onde vai dar  
Vamos todos  
Numa linda passarela  
De uma aquarela  
Que um dia enfim  
Descolorirá...

(...)

Ao lermos em uma poesia a descrição de uma paisagem bucólica, um campo verde, um rio, o vento balançando as folhas das árvores, nossa mente nos bombardeia com as imagens e mesmo os sons a que estamos acostumados, ou quando ouvimos uma pessoa comentando sobre o caos de uma grande cidade como São Paulo, nos vem à mente uma série de imagens de carros parados no trânsito, prédios, poluição, ônibus lotados e assim por diante, assim como se ouvimos o som de um martelo, conseguimos imaginar com facilidade esta ferramenta sem precisar vê-la, pois já conhecemos todas estas imagens, já as vimos alguma vez, ao vivo ou reproduzidas em alguma mídia visual e guardamos na memória, como fotografias.

Quase todos os atos de nossas mentes são acompanhados da criação ou recordação de imagens, originalmente externas ou não. A vida e o mundo são percebidos como imagens. A Terra, os rios, o mar, os objetos e mesmo noções mais abstratas encontram-se direta ou associativamente ligadas a imagens na mente dos seres humanos. Mesmo ao lermos um livro ou ao escutarmos uma fala, nossos pensamentos conduzem-nos a imagens, muitas das quais não muito claras às nossas consciências. (NOVA, 2003)

Sendo o ser humano então, um indivíduo guiado entre outras coisas pelas imagens do mundo que o cerca, acabamos por criar uma cultura visual. A imagem se tornou uma linguagem muito mais simples e fácil de se aprender e portanto o meio muito fácil de se transmitir mensagens, de se dizer coisas, mostrar e influenciar. O capitalismo se aproveitou disso com a Indústria cultural e a disseminação em massa dos recursos de produção e reprodução visual.

Desde os primórdios da História o homem cria representações do mundo em que vive, como as pinturas rupestres, os totens, esculturas, desenhos, etc. No século XIX,

quando a fotografia surgiu, a arte visual predominante era a pintura. Através da pintura os artistas criavam e recriavam cenas, abstratas ou representações da realidade e era, até então, a maneira mais fiel de se retratar algo. Com a invenção dos primeiros equipamentos que conseguiam captar, ainda que com pouca qualidade e definição, imagens mais semelhantes do objeto ou assunto fotografado, em grandes placas que precisavam ser substituídas a cada foto, houve uma revolução na maneira como se percebia a reprodução do real e nos paradigmas artísticos da época. Alguns artistas eram contra a nova técnica em partes por comprometer seu trabalho e também defendiam a idéia de que aquilo não era arte, pois se tratava de um processo muito mais técnico e que não dependia tanto da habilidade manual e percepção subjetiva da pessoa que operava a máquina. Ao longo do século XIX as técnicas e equipamentos utilizados para captar as imagens foram sendo aperfeiçoados e com a modernização, máquinas fotográficas compactas, versáteis e mais baratas começaram a aparecer, possibilitando a comercialização destas em larga escala, popularizando o ato de fotografar.

Do século XIX até os dias atuais os avanços tecnológicos vêm acontecendo em proporções geométricas e cada vez mais e mais rápido surgem novas tecnologias, mais avançadas e barateadas, possibilitando que a prática da fotografia seja massificada na sociedade, já que hoje em dia a maior parte da população tem acesso a algum dispositivo de captura de imagens, seja uma câmera fotográfica convencional, ou um celular que possui essa função, aliás, cada vez mais sofisticados e reproduzindo imagens de qualidade cada vez melhor. Com o advento da internet e a popularização dos computadores, as imagens são produzidas e reproduzidas em uma quantidade e velocidade assustadoras e a nível mundial, já não existem barreiras culturais para as imagens, as fotografias de um acontecimento produzidas do outro lado do mundo podem chegar até nós em questão de minutos. As informações e notícias circulam muito rapidamente, e é este o universo em que tanto nós, futuros educadores, quanto os jovens com os quais iremos nos relacionar estamos inseridos. Mesmo nas realidades mais pobres a imagem causa algum impacto, seja pela TV, revistas ou impressos, outdoors e os atuais “busdoors”. Mas será que estamos “alfabetizados” para “ler” as imagens que nossos olhos são obrigados a ver?

A vida torna-se uma “verdadeira” “tela viva” onde já não mais se distingue o real de sua representação! É um verdadeiro processo de estetização do real, dos sujeitos e da vida, com o predomínio da imagem, do visual e do

audiovisual. As imagens dominam o cenário urbano e cotidiano da vida nesse novo milênio. Elas estão por toda à parte, retornando a ser a principal via de ligação dos indivíduos com o real, com conseqüências importantes em diversos setores do viver humano. As imagens passam a “produzir” os “acontecimentos”. (NOVA, 2003)

Tomamos conhecimento das imagens óbvias, elas nos transmitem informações instantâneas e de fácil compreensão, e este se torna um de seus atrativos, não paramos para refletir sobre os aspectos subjetivos de cada fotografia, por exemplo, das circunstâncias em que ela foi feita, qual era o objetivo do autor, se existe alguma intencionalidade implícita entre outros,

Entretanto, apesar do imediatismo e da espontaneidade da imagem visual, é a cultura que possibilita uma interpretação mais profunda e apurada da experiência visual. Cultura entendida como o conjunto de significados compartilhado por um grupo e não como erudição. (COSTA, 2005)

portanto, podemos dizer que até certo ponto somos nós que construímos o que vemos, interpretando com base em nossa bagagem de conhecimentos objetivos e percepções subjetivas. Quanto maior essa bagagem, mais criticamente conseguimos ler uma imagem, e ficamos menos submetidos à sua influência.

### 3. Educação da imagem.

As imagens, como a fotografia, exercem um papel fundamental e poderoso num mundo globalizado, de mídias rápidas e trocas de informações quase instantâneas. A fotografia nesse horizonte visual contemporânea serve ainda como memória, como registro de um acontecimento e preservação do mesmo no tempo, e com as mídias digitais, por muito tempo. Mas não só para fins documentais a fotografia é utilizada, hoje ela é um instrumento de afirmação de si, de um ponto de vista, uma opinião, uma filosofia. “A cada nova experiência trazemos nossas imagens internas e as submetemos a nova avaliação e novos juízos de valor. Por isso podemos mudar de idéia, passar a gostar daquilo de que não gostávamos e aprender o que não sabíamos.” (COSTA, 2005)

A imagem pode ser usada de forma violenta, para chocar, para atacar, ou para defender, como na política. Portanto podemos perceber que uma simples fotografia pode

influenciar, moldar uma opinião, e por vezes é usada pelas pessoas para se mostrar para o mundo, para criar uma imagem de si, para si próprio e para outros.

A fotografia, por seu caráter mais técnico de produção da imagem, por vezes, assume um caráter mais real, mais fiel à realidade retratada, como uma coisa óbvia e inquestionável, uma verdade absoluta, com uma credibilidade visualmente dada. Porém, sabe-se que essa aparência das coisas pode enganar, pode ser distante do real, pode mentir e ser falseada propositalmente ou transmitir informações equivocadas mesmo sem essa intenção. São inúmeros os fatores que levam a isso, a imagem pode ser manipulada antes do “clique”, durante, ou depois da fotografia feita, com ou sem intenções concretas.

Os aspectos técnicos interferem na imagem criada, como as lentes utilizadas, a perspectiva, profundidade de campo que pode mostrar ou esconder, o enquadramento, a luz e como o fotógrafo se utilizou dela, a composição da foto, enfim, uma série de variáveis técnicas, bem como a subjetividade do olhar do observador que registra o momento, qual pedaço do todo ele quis mostrar, que história ele quis contar, que sensações ou sentimentos, que informações ele quer que vejamos. Até mesmo a possível interferência do próprio fotógrafo e de sua câmera no meio fotografado deve ser levada em conta, exatamente como numa pesquisa antropológica, onde sua presença e de seu equipamento podem influenciar os comportamentos, inibir, gerar desconfiança por parte dos fotografados, fazê-los mudarem suas ações, fingirem, mentirem, e até mesmo colocar a vida do fotógrafo em risco. Fora tudo isso, ainda existe a possibilidade de manipulação da imagem registrada, e não se trata só de manipulações artísticas, por vezes são mudanças grotescas e ao mesmo tempo imperceptíveis, transformações que acrescentam ou escondem informações das imagens. Os programas de computador (softwares) de edição de imagens são famosos e muitos sabem das possibilidades que eles oferecem para a manipulação, porém, o que muitos não sabem, é que mesmo as antigas fotografias analógicas, produzidas através de um filme sensibilizado pela luz e depois revelado por um processo químico, também já sofriam manipulações quando a fotografia digital e os computadores pessoais ainda nem existiam.

Portanto, cada fotografia conta uma história, mas mais do que isso, cada um de nós, ao observar uma imagem criamos a nossa própria história, damos os nossos significados e interpretações, ou seja, a subjetividade individual lançada sobre a fotografia em forma de análise ajuda a construir a imagem, nem sempre podemos fazer apontamentos afirmando algo a respeito dela, mas sempre podemos construir perguntas sobre uma imagem, e é esse exercício que nos ajuda a observar, a “ler” criticamente uma imagem, e é justamente

o exercício que estamos desacostumados ou nem aprendemos a praticar. Diante desta realidade de banalização do mundo visual,

Faz-se urgente o reconhecimento das imagens enquanto imagens estruturantes de um novo mundo. É necessário saber “ler” essas novas imagens, para que elas não nos apareçam enquanto Franksteins. Esse é um dos papéis da educação desse novo milênio. (NOVA, 2003)

#### 4. A imagem na Educação.

Esse quadro de incertezas em relação às imagens refletiu na insegurança e falta de incentivo do seu uso na Educação, fruto de uma concepção ultrapassada de carência de cientificidade no uso destes recursos em pesquisas e trabalhos empíricos. Até mesmo na Academia os estudos relacionados à imagem na Educação são escassos, a própria Sociologia da imagem ou Sociologia Visual é um campo novo e muito incerto.

Ao mesmo tempo que a fotografia toma um caráter de fidelidade com a realidade e os acontecimentos e pessoas fotografadas, e parece retratar exatamente aquilo que se vê, ela também é posta em dúvida na medida em que se torna extremamente suscetível a manipulações e à subjetividade do fotógrafo. Porém, sabemos que as outras técnicas de pesquisa também estão submetidas aos mesmos dilemas, como uma etnografia com a interpretação dos fatos e comportamentos de um grupo desconhecido e a própria interferência do pesquisador, ou os dados estatísticos tanto quantitativos quanto qualitativos, que podem ser influenciados e viesados desde a elaboração dos questionários, passando pela própria pesquisa, a amostra escolhida, até a análise e cruzamento dos dados obtidos.

Portanto, se prender à esses aparentes obstáculos no uso da imagem como recurso de pesquisas científicas e na relação de ensino e aprendizagem seria o mesmo que deixar os dados estatísticos (que são fundamentais em muitos estudos) de lado. “Trata-se de vencer os entraves de uma cultura disciplinar e metodológica que hoje pouco tem a ver com a realidade na qual vivemos.” (COSTA, 2005)

Um dos preceitos pedagógicos que tentamos desvendar dentro de cada realidade, de cada escola e cada sala de aula é: quem são os jovens que estamos “educando”? Ou seja, quais as realidades existentes dentro de uma mesma sala de aula e como aproximar o

conteúdo, os conceitos sociológicos de cada uma delas? Sabemos que quando trabalhamos com jovens, adolescentes, existem aspectos que são muito comuns e aproximam, em algum momento, as realidades distintas como a de um jovem de classe média do centro da cidade e um jovem morador da periferia. São realidades distantes, porém, o crescimento exacerbado da Indústria Cultural e a disseminação cada vez maior de recursos e tecnologias a preços mais baixos torna a “cyber-cultura” acessível a vários níveis da população, criando pontos de proximidade entre diferentes realidades, na medida que, “Sendo a linguagem uma criação coletiva e cultural, ela acaba compondo um repertório comum que identifica o grupo.” (COSTA, 2005)

Esse novo universo da cyber-cultura em que os jovens estão inseridos está repleto de informações e estímulos visuais, são fotografias, vídeos, desenhos, enfim, uma infinidade de imagens que se mostram para quem puder ver, querendo ou não. Além disso, as mídias no geral, como a TV, rádio, internet e mesmo as mídias impressas como jornais e revistas ou os outdoors e a publicidade veiculada através de todos estes meios acaba por exercer uma forte influência na vida cotidiana das pessoas. O capitalismo se utiliza destes recursos para disseminar ideologias em massa, reforça práticas já existentes e cria novos paradigmas de consumo e, conseqüentemente, de vida. A convivência e a insistência das imagens invade nosso cotidiano e modifica nossa visão de mundo, nos torna submissos à elas, ao passo que as banalizamos e não damos mais a devida atenção às suas mensagens e informações, ao seu caráter e suas intenções, alienamos nosso olhar e somos por ele moldados, vemos com ingenuidade as fotografias políticas, de guerra, as propagandas, fotografias publicitárias, artísticas, documentais, enfim, estamos acostumados a olhar, mas não a ver.

É nesse cenário que a educação deve rever seu paradigma letrado e adentrar o campo das imagens e das linguagens tecnológicas para que possa ultrapassar as barreiras que separam duas culturas: uma, eurocentrada, iluminista e burguesa, baseada na escrita como forma de produção e controle do conhecimento; e outra, globalizada, massiva, baseada em múltiplas linguagens e tecnologias de comunicação, dentre as quais se afirmam de forma hegemônica os meios audiovisuais. (COSTA, 2005)

Diante dessa realidade em que a imagem é colocada, sempre em segundo plano, em especial na educação, podemos começar a perceber a importância e a necessidade

que temos, cada vez mais, enquanto futuros profissionais dentro de uma sala de aula, de mudarmos este quadro ultrapassado e que está longe de se encaixar numa proposta pedagógica que tente se aproximar da realidade cotidiana dos alunos, pelo contrário, ao subestimarmos a importância que as experiências visuais suscitadas pelas imagens provocam, estamos subestimando e desconsiderando o universo em que os alunos estão inseridos.

As Ciências Sociais, em especial, têm os recursos teóricos necessários para a construção desse tipo de conhecimento junto aos jovens, conceitos clássicos que geralmente são apresentados na grade da disciplina no ensino médio e poderiam ser aplicados à análise de fotografias ou mesmo pinturas, vídeos, filmes, etc. Como afirma Lígia Ferro:

A Sociologia deve também explorar analiticamente outras linguagens e outros códigos, uma vez que os quotidianos dos actores sociais estão repletos deles. Se aspiramos conhecer a realidade, devemos usar não só a metodologia fotográfica, mas também as técnicas provenientes do vídeo e do cinema. As imagens recolhidas, sejam estáticas ou em movimento, não devem ser uma mera ilustração do texto, caso contrário não acrescentam nada à análise sociológica. (FERRO, 2005)

Entretanto, o uso da imagem que vemos sendo feito nas salas de aula das escolas é justamente o de simples ilustração do tema ou conceito trabalhado, seja para mostrar ou caracterizar com mais clareza algum aspecto do tema trabalhado, ou como tentativa de conquistar a atenção do aluno, que, como vimos, está mais acostumado com as informações visuais rápidas que fazem parte do seu dia-a-dia do que com textos e livros. Mas não se pratica o exercício de utilizar as fotografias e vídeos de forma crítica, pensando seu contexto de produção, as intenções do autor, o que podemos inferir delas, quais as indagações que elas suscitam, etc. São apenas reproduções da lógica banal e ilustrativa da imagem, que reforçam os problemas citados. Mesmo nos livros didáticos percebemos este problema, as fotografias estão dispostas, geralmente, apenas como apoio visual do que já está explicitado na linguagem textual, como mera indicação visual, rápida e simples, de aspectos gerais dos conteúdos abordados. Na definição de Eugênia Maria Dantas:

A educação dever ser um campo que amplia e aprofunda as práticas-reflexões dos homens, levando em consideração os desejos, anseios, emoções, e cristalizadas por mecanismos diversos. A fotografia permite

leituras ampliadas e complexas dos homens. Funciona como um amortecimento do paradigma vigente que domesticou o olhar pelo evidente, pelas mazelas do mundo moderno, pela violência, pelo esgarçamento social como fontes definitivas das ações humanas, aprisionando a todos. (DANTAS, 1999)

Lígia Ferro, em *Ao Encontro da Sociologia Visual*, cita uma experiência de pesquisa sobre a prática sócio-cultural do graffiti em Barcelona, utilizando o recurso do registro fotográfico. Em seu trabalho é possível perceber como a fotografia pode ajudar a coletar dados e analisá-los, chegando a conclusões decisivas para o encaminhamento da pesquisa e que de outras formas talvez não fosse possível:

As primeiras jornadas destinaram-se a fotografar as peças de graffiti e a anotar as localizações das mesmas na malha urbana do bairro do Raval. Posteriormente foram construídos itinerários das peças de alguns escritores, assim como itinerários estilísticos (as peças foram agrupadas em 3 categorias: graffiti hip-hop, graffiti cómic e graffiti social e político). A análise das fotografias permitiu-nos compreender apropriações diferenciadas do espaço e identificar pistas de relevo para a construção da moldura de análise do trabalho. (FERRO, 2005)

Apenas a observação em campo de tais representações artísticas repletas de significados não permitiria uma análise mais profunda e detalhada das abstrações e informações que puderam ser feitas mediante a comparação de todas elas, “A linguagem não-verbal possui um significado sociológico, tal como a linguagem verbal, e foi captada pela máquina fotográfica, permitindo a sua posterior análise.” (FERRO, 2005)

Aproveitando o exemplo do graffiti, podemos utilizar uma destas representações artísticas para analisarmos algumas das discussões deste artigo. A imagem a seguir mostra um dos graffitis da obra de Fábio “Cranio”, produzida na cidade de São Paulo:



(Autor do graffiti: Fábio “Cranio”)<sup>2</sup>

Quando passamos por um desenho como este na rua podemos ser coagidos pelas cores em meio a um cenário cinza de uma grande cidade, porém, geralmente, apreciamos muito rapidamente a figura como um todo, sem atentar para os detalhes, seus significados e símbolos, não paramos na frente da imagem por alguns minutos para contemplá-la artisticamente e analisar criticamente suas representações. Como vimos anteriormente, as imagens sempre têm algo a dizer, uma história para contar, e tudo isso depende não só das intenções objetivas do autor, mas também do grau de abstração subjetiva do observador:

Entre o ponto de partida e o ponto de chegada há que se contextualizar autor e obra buscando ver as trajetórias interpretativas que deram sentido aquela representação. Nesse sentido se revela o perfil transdisciplinar dessa investida: compreender a iconografia e poder transcendê-la, abrir canais

<sup>2</sup> Vídeo com entrevista do autor falando sobre sua obra disponível em:  
<http://www.sampagraffiti.com/2011/09/cranio.html> (Acesso em 02/11/2011)

capazes de vislumbrar conhecimentos que são simultaneamente históricos, geográficos, antropológicos, educacionais, humanos. (DANTAS, 1999)

Observando mais atentamente o graffiti estampado no muro, começamos a perceber diversas informações que o autor nos mostra e podemos fazer algumas indagações também, farei a seguir algumas considerações pessoais sobre a imagem, pois cabe a cada um a análise, e o leitor pode não concordar comigo, assim como pode apontar muito mais coisas além do que tentarei expor.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o índio deitado em posição fetal, dormindo, e a placa que parece dizer “proibido atear fogo”, pelo menos foi o que me veio à mente, bem como o ocorrido em 1997 em Brasília, quando o índio Pataxó Galdino Jesus dos Santos, de 44 anos, foi queimado vivo enquanto dormia num ponto de ônibus, por jovens de classe média que passavam pelo local. Em seguida, o que me causou estranheza foi a cor com a qual o índio foi retratado, azul, enquanto definimos etnicamente os índios com a cor vermelha. Aí as perguntas começam: qual foi a intenção do autor? Por quê azul e não outra cor? Qual o significado disso? Depois me chamou a atenção a bandeira dos Estados Unidos da América sobre o índio, e o que, a princípio, meu pareceu o símbolo do McDonald’s em seu braço. Quanto à esses dois detalhes eu diria que a intenção seja de fazer uma crítica à “norte-americanização” da nossa cultura, ou seja, num tempo em que sofremos forte influência da cultura norte-americana e sua indústria-cultural, músicas, artes, cinema, bem como a língua americaniza a nossa cultura, onde símbolos da supremacia Estadunidense conseguem alcançar os cantos mais longínquos do globo, atingindo de alguma maneira até os índios em suas aldeias afastadas dos grandes centros. Veneramos a cultura norte-americana e a colocamos acima da nossa própria, acima de um dos símbolos culturais mais antigos, importantes e característicos do Brasil, os índios, que já estavam aqui muito antes da colonização Portuguesa e talvez por isso deveriam possuir mais direitos que o resto de nós. Por tudo isso, talvez o índio azul use a bandeira como proteção, para que não ousemos atear fogo no símbolo nacional do poderio norte-americano a que tanto nos submetemos e veneramos, talvez tentando diminuir as diferenças entre as etnias e se aproximar da nossa cultura, para não ser discriminado, atacado, agredido, morto.

Com certeza existem ainda muitas outras dúvidas que podem surgir na análise aprofundada desta imagem, só o autor pode dizer o que ele pretende mostrar, mas podemos entender um pouco mais como as imagens estão imbuídas de muitos significados

que podem ser banalizados quando não educamos nosso olhar, quando não estamos acostumados a trabalhar com as possibilidades e conseqüências das experiências e dos estímulos visuais que uma fotografia ou uma pintura causam, e a fotografia pode nos ajudar nesse sentido, uma criação artística como o graffiti mostrado é única, está estampada em um muro específico na cidade de São Paulo, mas pode ser mostrado para o mundo todo graças à fotografia e à internet, “A metodologia fotográfica aplicada à pesquisa sociológica pode ajudar-nos a conhecer e a mostrar aquilo que, muitas vezes, não se quer ver.” (FERRO, 2005)

## 5. Considerações finais.

Participando do Projeto Sociologia em Foco, realizado com alunos do Colégio Adélia Dionísio Barbosa em Londrina-PR, tive a oportunidade de observar de perto a participação dos jovens do Ensino Médio na produção do conhecimento através de recursos áudio-visuais na criação de vídeo-documentários sociológicos com temas específicos. Desde a escolha dos temas, os estudos teóricos acerca dos mesmos, as saídas a campo para observação, as pesquisas, até a elaboração do roteiro dos filmes, a captação das imagens, as entrevistas e transcrições das mesmas, seleção de cenas e a edição final, todo o processo foi realizado em conjunto entre os alunos, estagiários e a professora Adriana Camponez, criadora e coordenadora do projeto.

Com essas experiências podemos perceber como as imagens são meios riquíssimos e dinâmicos de problematizar a realidade e o que nos é dado como real, que a partir de atividades de produção menos trabalhosas que as de um documentário, como por exemplo a saída a campo para a simples captação de fotografias pode ser uma experiência de grande magnitude no aprendizado sociológico e na tão discutida formação da consciência crítica do jovem, além, é claro, da necessidade de se trabalhar a problemática do mundo visual em sala de aula, desconstruindo velhos paradigmas limitados e que não cabem mais na realidade vivida pelos jovens nos dias atuais. “A diversidade de posições, ideologias e mentalidades é uma experiência construtiva que nos torna mais resistentes a dogmatismos.” (COSTA, 2005)

## 6. Referências bibliográficas.

ANDRADE, Rosane de: Fotografia e antropologia: Olhares fora-dentro. Editora Estação Liberdade. São Paulo, EDUC, 2002.

COSTA, Cristina. Educação, Imagem e Mídias. São Paulo: Cortez, 2005.

DANTAS, Maria Eugênia. Educação-fotografia: impressões e sentidos. Caicó: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999.

DARBON, Sebastien: “O etnólogo e suas imagens”. IN Samain, Etienne: O Fotográfico. HUCITEC. São Paulo, [1998], 2ª edição 2005 (ps.95-105).

FERRO, Lígia (2005), Ao Encontro da Sociologia Visual, Sociologia – *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, nº15, pp. 373-398.

MOURA, Lisandro Lucas de lima. Imagem e conhecimento - o uso de recursos didáticos visuais nas aulas de Sociologia. (s/d) Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2011v12n100p159/pdf> (Acesso em 02/11/2011).

NOVA, Cristiane. Imagem e Educação – Rastreamento Possibilidades. In: ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane (orgs). Educação e Tecnologia. Salvador, Editora da UNEB (2003).

NOVAES, Sylvia Caiuby: O uso da imagem na antropologia. IN Samain, Etienne: O Fotográfico. HUCITEC. São Paulo, [1998], 2005 (ps.113-119)